



XVI SEUR

A Paisagem Cultural e o Paisagismo:

Integração de Saberes à Metodologia do Projeto do Lugar

Ana Paula de Andrea Dametto, UFPel, anapaula.andreadametto@gmail.com

Sidney Gonçalves Vieira, UFPel, sid.geo@gmail.com

RESUMO

A Paisagem Cultural, enquanto nova categoria de reconhecimento do patrimônio cultural apresenta noções recentes que estimulam os profissionais da área da paisagem à compreensão. Trata-se de um campo complexo, interdisciplinar, que reúne diferentes áreas do conhecimento. O Paisagismo estuda a ação do indivíduo no espaço aberto, ou seja, é uma intervenção planejada na paisagem. O projeto de Paisagismo pode ocorrer em diversas escalas: regional; no âmbito da cidade - praças, parques, ruas, etc.; e no entorno das edificações, como jardins e pátios por exemplo. A depender da natureza do lugar de intervenção são aplicados determinados métodos e técnicas de abordagem para o projeto e o planejamento. O objetivo desta pesquisa é estudar estas duas áreas do conhecimento e integrar saberes para refletir sobre possibilidades metodológicas no projeto e planejamento de Paisagismo em áreas de interesse cultural e ambiental, tendo como estudo de caso espaços abertos da cidade de Pelotas, RS.

Palavras-chave: Paisagem Cultural. Paisagismo. Metodologia do Projeto. Lugar.

1. Introdução

O tema da pesquisa é o Paisagismo no âmbito da Paisagem Cultural. Pretende-se estudar as relações entre estes dois campos do conhecimento, refletir e discutir sobre metodologias, instrumentos, ferramentas e teorias para analisar suas aplicabilidades, potencialidades e fragilidades. Parte-se do entendimento da importância de abordagens mais participativas, que envolvam tanto as comunidades como os agentes públicos e também o setor privado, para o planejamento e o projeto em Paisagismo em áreas de interesse ambiental e cultural. A Paisagem Cultural, com toda a sua complexidade, será o objeto de estudo.

A Paisagem Cultural apresenta-se como campo interdisciplinar que requer o conhecimento de diferentes áreas para a sua compreensão. A etimologia de “Paisagem” está relacionada aos termos *país* e *paisano* (compatriota), assim como à *pagus* e *paganus* - termos latinos que significam aldeia e aldeão (LUXÁN; FERNÁNDEZ, 2018, p. xiii). Paisagem é um termo polissêmico e seu entendimento dependerá da área científica que a utiliza.



Encontram-se diferentes acepções para a compreensão do significado de Paisagem. O vocábulo no dicionário é definido como “Espaço de território que se capta num olhar; *Art. Plást.* pintura que representa ambientes naturais; *Lit.* gênero literário que descreve o campo ou cenas campestres.” (AMORA, 2014, p.617). As várias significações demonstram o alcance do termo em diferentes disciplinas e a necessidade de aprofundar a noção de paisagem que trata esta pesquisa.

O conceito de Paisagem na área da Arquitetura e do Urbanismo é amplo. A Paisagem Cultural é resultado da ação antrópica, processo social de ocupação e gestão, e isto a torna tanto um produto como um sistema. Enquanto produto (a paisagem) não se apresentará em definitivo sempre da mesma maneira. Ela irá absorver as alterações provocadas pelo homem através dos tempos em movimento constante de reconstrução. A partir da perspectiva de um sistema, quando realizada ação ou alteração na Paisagem, haverá uma reação nos elementos que fazem parte da sua constituição. Enquanto produto e sistema, toda a paisagem relaciona-se a uma óptica da percepção de um indivíduo social e cultural que representa total ou parcialmente um ambiente. Assim, “[...] todo ambiente contém diferentes paisagens, mas nem todas as paisagens representam um ambiente por completo” (MACEDO, 2015, p.15).

No campo da Geografia Paisagem pode ser entendida como “a configuração ou expressão visível que adquire o território, através do tempo, devido a interrelação que se estabelece entre os elementos abióticos e bióticos do sistema natural e a ação antrópica”. (LUXÁN; FERNÁNDEZ, 2018, p.xix/1). A Paisagem, enquanto produto social e cultural, reflete as sociedades do passado no presente. A categoria Paisagem Cultural indica a contribuição do homem na sua formação e manifesta-se em vários graus de intervenção antrópica. Segundo Luxán e Fernández (2018, p.xxiii/1) a Paisagem pode ser classificada em: Paisagem de Alto Valor Natural; Paisagem Seminatural (em diferentes graus) e Paisagem Transformada e Humanizada. A cada tipologia de Paisagem supracitada aparecerão determinadas questões de forma mais intensa e expressiva quando da necessidade de conservação ou intervenção em áreas com estas características.

A Paisagem Cultural está constantemente sendo reconstruída, de acordo com o quadro social que se estabelece a cada tempo. Halbwachs (2004, p.133) disserta sobre o poder do meio material sobre os grupos sociais e as relações de transformação, adaptabilidade, e apropriação dos indivíduos em relação aos lugares: “Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se



adapta às coisas materiais que a ele resistem”. Essas relações que existem entre os lugares e os grupos sociais são muito importantes ao sentimento de pertencimento, à conservação das práticas culturais que envolvem o trabalho e o espírito, à preservação da identidade e do caráter de um território. As “coisas materiais” geram uma certa estabilidade pela sensação de permanência que emanam às comunidades.

Porém, a dinâmica da vida cotidiana exige que determinadas áreas sejam repensadas para atender demandas sociais, econômicas e políticas. Nesse contexto, a gestão das áreas de interesse cultural e ambiental torna-se bastante complexa e necessita de diretrizes claras que auxiliem nas decisões dos agentes envolvidos. Em um pensamento idealizado, a elaboração destas diretrizes e ideias deveriam surgir em conjunto com a comunidade que vive no lugar. Porém, sabe-se que conflitos de ideias e poder sempre irão surgir, e isto reforça a necessidade de avançar cientificamente. No âmbito do planejamento e do projeto de Paisagismo, que pensa e propõe o espaço aberto, vê-se a necessidade de avançar em possibilidades metodológicas voltadas à preservação do patrimônio cultural, que atendam esta nova categoria de bem patrimonial - a Paisagem Cultural - e que partam do reconhecimento e análise do espaço vivido e percebido pelos indivíduos envolvidos no processo.

Esta nova tipologia de reconhecimento de bens culturais integra tanto os bens materiais como imateriais e possibilita um olhar mais abrangente a respeito dos lugares. Elementos naturais, construídos, modos de produção, modos de ocupação, atividades sociais, culturais, entre outros aspectos somente tem valor patrimonial, enquanto Paisagem Cultural, vistos em conjunto. Segundo a Portaria IPHAN n. 127 (Art.1º, 2009) a Paisagem Cultural Brasileira “é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”. A partir da criação deste novo instrumento de preservação, a chancela da Paisagem Cultural (2009), há um movimento para avançar na maneira de pensar as políticas do patrimônio pois a preservação destes lugares de interesse cultural envolve o poder público, a sociedade civil e a iniciativa privada em gestão compartilhada.

Para a realização deste estudo impõem-se algumas questões gerando uma problemática a ser enfrentada: Quais as relações que existem entre a Paisagem Cultural e o Paisagismo? Quais atributos e valores que indicam a “patrimonialidade” (POULOT, 2009, p.33) de uma Paisagem? Como identificar lugares significativos em uma Paisagem? Que métodos e instrumentos participativos podem ser utilizados para o reconhecimento de um



lugar? Que possibilidades metodológicas de abordagem em Paisagismo poderiam ser pensadas após o reconhecimento do lugar? Como organizar toda a informação necessária para uma leitura adequada e coerente dos lugares? Qual o peso dessas informações para os agentes envolvidos no planejamento e no projeto desta Paisagem?

Portanto, o objetivo principal desta pesquisa é relacionar o campo da Paisagem Cultural e do Paisagismo para integrar saberes e refletir sobre possibilidades metodológicas voltadas às etapas iniciais de projeto dos lugares de interesse cultural e ambiental. Como estudo de caso serão utilizados espaços abertos localizados dentro do perímetro urbano da cidade de Pelotas/ RS denominados Áreas Especiais de Interesse do Ambiente Cultural e do Ambiente Natural. Algumas destas áreas marcadas como de interesse cultural se sobrepõem a mancha denominada “Matriz Verde e Azul Urbana” do município de Pelotas (LEI Nº 5.502, Art. 15º, p.4/142).

2. Metodologia

A pesquisa tem um caráter predominantemente qualitativo, a partir de uma abordagem fenomenológica, onde a comunidade terá participação expressiva nos processos e instrumentos para a identificação e reconhecimento dos lugares de interesse cultural. Além disso, se utilizará de métodos para apreensão do lugar, muitos destes já utilizados cientificamente, alguns em contexto de Avaliação Pós-Ocupação (de projetos realizados e já em uso) porém procurando repensá-los e adaptá-los às etapas iniciais de um projeto de Paisagismo. Também serão pesquisados exemplos de projetos e de metodologias e verificar aplicabilidade em determinados casos. A pesquisa será realizada em quatro etapas:

Etapla 1: revisão bibliográfica com enfoque nos conceitos, noções, instrumentos e metodologia de projeto nas áreas da Paisagem Cultural e do Paisagismo. Reconhecimento de teorias voltadas à leitura e percepção do Lugar.

Etapla 2: pesquisa e trabalho de campo - identificação e mapeamento de paisagens e lugares abertos significativos para a comunidade de Pelotas (aplicação de questionários, entrevistas, métodos para a realização de inventário e cartografia com a participação de grupos sociais). Após os levantamentos e mapeamentos se fará a escolha de uma área para realizar um estudo de caso.

Etapla 3: trabalho de campo na área escolhida – entrevistas com grupos de indivíduos que habitam o lugar – aplicação de métodos participativos para reconhecimento das



qualidades do lugar, identificação de “valores” (TUAN, 1980), significações e de práticas culturais e sociais que estejam ancoradas em lugares que constituem esse território. Também serão realizadas entrevistas com os grupos de agentes públicos e privados que estudam e planejam o futuro destes lugares. Desta forma será possível cruzar dados e verificar aspectos congruentes e divergentes.

Etapas 4: Análise, síntese e redação - análise e síntese das narrativas; avaliação, análise dialética perante a área do estudo de caso, verificação da aplicabilidade e comparação dos resultados dos métodos testados e aplicados; reflexão sobre as possibilidades metodológicas para aplicação no campo do Paisagismo e especificamente nessas áreas abertas de interesse cultural em Pelotas.

3. Desenvolvimento

A noção de Paisagem e de Espaço na Geografia enriquece os conceitos utilizados no âmbito do Paisagismo pois apresenta uma abordagem que dá mais ênfase a dimensão social dos lugares. Santos (1996, p.83) define que “a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza”. Coloca que muitas vezes o termo paisagem é utilizado como sinônimo de configuração territorial onde os elementos naturais e artificiais caracterizam fisicamente uma área. No entanto, a paisagem está contida no campo visual do observador, ou seja, é uma porção da configuração territorial. Para ele a paisagem é “transtemporal”, pois reúne muitas camadas de tempo a partir de seus elementos construídos, ou “objetos reais-concretos”.

Santos (1996, p.84) difere a paisagem de espaço. Acredita que o espaço é presente, ou seja, é uma construção horizontal. Acrescenta que o espaço apresenta uma situação única onde os objetos reais-concretos são ocupados pela sociedade. Portanto, são as formas mais a vida que as anima. Enquanto a paisagem é uma construção transversal o espaço é horizontal. A partir deste entendimento sobre a paisagem, pode-se pensar que muitas paisagens apresentam vestígios, rastros de tempos passados e que podem ser comparadas a um *palimpsesto*, pois são reconstruídas a cada tempo. A Paisagem Cultural poderá apresentar múltiplas camadas de tempo em sua configuração.

As paisagens são constituídas de uma estrutura espacial que organiza e conecta lugares. Um lugar oportuniza eventos que nascem nas individualidades e podem vir a tornar-



se acontecimentos de identificação coletiva em razão da maneira como são vistos e utilizados pelas comunidades. Para Schulz in Nesbitt (2013, p.444) a vida cotidiana constitui-se de “fenômenos” compostos de elementos concretos (pessoas, animais, árvores, casas, mobílias, sol, lua, etc.) e outros menos tangíveis como os sentimentos. Um lugar enquanto “fenômeno” evoca memórias e provoca emoções. O modo de vida humano acontece no mundo das possibilidades, forjado pela lembrança, fantasia e imaginação. Pallasmaa (2018, p.23) coloca que “Vivemos em mundos mentais, nos quais o material e o espiritual, bem como o vivenciado, lembrado e imaginado constantemente se fundem.” Daí a importância de compreender que a realidade vivida não segue as regras do espaço e do tempo realizadas pela ciência da física.

O reconhecimento dos valores paisagísticos dos lugares a partir de narrativas de grupos sociais que os habitam, oportunizará refletir sobre as possibilidades metodológicas para relacionar aspectos concretos e subjetivos para o campo do projeto e do planejamento da Paisagem. A trajetória da evolução do conceito de patrimônio narrado por Choay (2006), que iniciou com as coleções e os antiquários, passou pelo monumento histórico, patrimônio urbano e paisagem cultural na atualidade demonstra a complexidade dos estudos voltados ao patrimônio cultural. Não se pode aplicar à cidade os mesmos critérios de preservação de um monumento, pois a cidade é um organismo vivo que é renovado constantemente.

A área urbana de Pelotas conserva muitas de suas características morfológicas de diferentes épocas passadas e apresenta um significativo patrimônio material expresso em conjuntos de edificações tombadas e inventariadas, espaços abertos de valor cultural (praças, largos, travessas, ruas entre outras tipologias) e um rico patrimônio imaterial expresso nas práticas culturais das comunidades. Além disso a paisagem de Pelotas possui um patrimônio natural importante junto ao Canal São Gonçalo, Laguna dos Patos e Arroio Pelotas.

Existem algumas motivações que conduzem aos processos de intervenção na paisagem. São elas: “referência e identidade; história urbana; sociabilidade e diversidade; infraestrutura existente; mudanças nos padrões sociodemográficos, deslocamentos pendulares; distribuição e abastecimento” (VARGAS, 2015, p. 5). Estas motivações, no âmbito do processo e planejamento da paisagem, são confrontadas e uma interfere na outra nas decisões de projeto. Ter instrumentos que auxiliem nestas relações são importantes em razão da complexidade de um projeto desta natureza.



Pensando no conceito de patrimônio ambiental urbano apresentado por Castriota (2009, p.89), existem algumas premissas e estratégias que deveriam ser levadas em consideração. São elas: priorizar o contexto urbanístico ao invés de edificações isoladas; tratar de igual forma as áreas históricas em relação as novas ou recuperáveis - considerar em conjunto a infra-estrutura, o lote, a edificação, a linguagem urbana, os usos, o perfil histórico e a paisagem natural; integrar as políticas de preservação do meio ambiente urbano e a política urbana de um modo geral; priorizar planos mais simples de intervenção, considerando o que o meio ambiente urbano têm de essencial que o caracteriza; reavaliar a gestão do meio ambiente urbano e garantir a permanência da população de baixa renda nas áreas a serem urbanizadas, preservadas, evitando o processo de gentrificação.

4. Conclusão

Intervir em áreas urbanas requer uma avaliação dos aspectos históricos e patrimoniais, do caráter funcional e estrutural em relação à cidade como um todo, do entendimento das dinâmicas culturais, sociais e ambientais que envolvem os lugares, e principalmente de uma demanda necessária - de preferência oriunda do coletivo. Os aspectos mais subjetivos são difíceis de serem apreendidos e implementados no campo do projeto e do planejamento da paisagem. Na maioria das vezes as decisões e diretrizes são fundamentadas em aspectos de natureza mais concreta. Observa-se que os aspectos subjetivos dos lugares, como suas qualidades ambientais, socioculturais, estéticas, sensoriais e memoriais são importantes para conservar a poética dos espaços, para que estes se mantenham vivos e provoquem o sentimento de pertencimento da comunidade que os habita.

A pesquisa está em fase inicial, na Etapa 1 apresentada na metodologia. Acredita-se na potência do tema e da problemática que se impõe e na provável contribuição para o avanço nas reflexões e em possibilidades metodológicas na área de projeto e planejamento da Paisagem. Este estudo proporcionará uma maior compreensão dos lugares, suas potencialidades culturais, sociais e paisagísticas e a identificação de patrimônios e “lugares de memórias” (NORA, 1993) que poderão auxiliar a compor diretrizes mais conciliatórias entre os agentes que concebem e os indivíduos que habitam esses espaços.

Existem espaços abertos importantes nas orlas da cidade de Pelotas que ainda não foram estudados a partir da perspectiva proposta nesta pesquisa. A “Matriz Verde e Azul Urbana” é constituída de lugares que contemplam o canal São Gonçalo e a Laguna dos Patos, com grande potencial para o desenvolvimento de parques naturais inseridos no contexto da



cidade, e que não tem ainda propostas de projeto a serem avaliadas e que deverão ser pensadas à proteger o ambiente natural e cultural e garantir o uso adequado pela população simultaneamente.

Ao relacionar os campos da Paisagem Cultural e do Paisagismo na busca de abordagens que considerem a comunidade à colaborar na construção de diretrizes projetuais quando da necessidade de intervenção em lugares de interesse cultural oportuniza-se o debate de maneira mais ampla e democrática trazendo a luz elementos fundamentais da discussão que envolve o planejamento da cidade.

Referências

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Anablume, Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

LUXÁN, B. A.; FERNÁNDEZ, A. F. **Geografía de los Paisajes Culturales**. Madrid: UNED, 2018.

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do Paisagismo no Brasil**. 2ªed. São Paulo: EDUSP, 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história – a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, dez. 1993.

NORMAS BRASIL. **Portaria IPHAN nº 127, 30 de Abril de 2009**. Online. Disponível em: https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-127-2009_214271.html

PALLASMAA, J. **Essências**. Trad. Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

PELOTAS (Município). **Lei Nº 5.502, de 11 de Setembro de 2008**. Institui o Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências. Pelotas: Câmara Municipal, [2008]. Disponível em: <https://camara-municipal-de-pelotas.jusbrasil.com.br/legislacao/484900/lei-5502-08>

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996, p. 83 e 84.



SCHULZ, C.N. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, K. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica, 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2013

TUAN, Y.F. **Topofilia: um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

VARGAS, Heliana Comim; CASTILHO, Ana Luisa Howard. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. 3.ed. Barueri, SP: Manole, 2015.